



ARTIGO

SENTIMENTOS DE ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

FEELINGS OF ADOLESCENT VICTIMS OF SCHOOL VIOLENCE

KARIANE BARBOSA ALMEIDA FREIRE¹, JUDITH SENA DA SILVA SANTANA², SINARA DE LIMA SOUZA³,
ROSELY CABRAL DE CARVALHO³, MARIEDNA SANTOS DE JESUS⁴

1 - Mestre (Profissional) em Enfermagem pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil

2 - Professora Titular aposentada da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil

3 - Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil

4 - Graduanda do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil

RESUMO

A violência escolar, devido a sua magnitude e complexidade, afeta as diferentes dimensões da vida do adolescente, em particular, a saúde, refletindo nos dados sobre mortalidade e morbidade, acarretando prejuízos para o seu crescimento e desenvolvimento, sendo considerada um problema de saúde pública crescente em todo o mundo. O presente estudo trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa descritiva. Seu objetivo é descrever os sentimentos referidos pelos adolescentes vítimas de violência escolar. Os sujeitos do estudo foram adolescentes vítimas de violência escolar, as técnicas de coleta de dados foram a entrevista semiestruturada e a observação sistemática, e os dados foram analisados por Conteúdo Temático. Nos resultados, os sentimentos revelados pelos adolescentes diante da violência por eles sofrida foram: *me senti mal, triste, humilhado, com raiva*, reveladores da presença de *bullying* na escola, sinalizando para o fato de que a violência provoca consequências no desenvolvimento emocional e psíquico dos sujeitos agredidos e não pode ser negligenciada, devido as consequências na saúde física e psicológica, além do desempenho escolar dos adolescentes.

Palavras-chave: Adolescentes; Violência escolar; Sentimentos.

ABSTRACT

School violence, due to its magnitude and complexity, affects different dimensions of adolescent life, in particular, health, reflecting the data on mortality and morbidity, causing damages to their growth and development, being considered a growing public health problem worldwide. The present study, uses a qualitative approach, having as objective the description of feelings reported by adolescent victims of school violence. The study subjects were adolescents, victims of school violence, the technique of gathering data were semi-structured interviews and systematic observation, and the data was analyzed through qualitative analysis. Regarding feelings when exposed to school violence, most reported that they *felt bad, sad, humiliated and angry*. Signaling to the fact that violence has consequences in the emotional and psychological development of abused subjects, cannot be neglected; otherwise it leads to consequences for the physical and psychological health and school performance of teenagers.

Keywords: Adolescents; School violence; Feelings.

INTRODUÇÃO

A violência não é um tema recente. Diversas formas de expressão da violência são conhecidas desde a antiguidade, muito embora elas só tenham começado a ser discutidas, a partir do século XIX, quando tal tema passou a ser considerado um fenômeno social, despertando o interesse de estudiosos

de várias áreas, incluindo as interfaces de questões sociais, morais, econômicas, psicológicas e institucionais¹.

Minayo e Souza² consideram que a violência está presente nas ações humanas de indivíduos, grupos, classes e nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual. O fenômeno da violência contra crianças e adolescentes coloca



em destaque o cenário escolar, que é, depois do ambiente familiar, o espaço de maior convívio social desses indivíduos³.

A Organização Mundial da Saúde (OMS)^{4,5} define a violência como:

O uso intencional da força física ou do poder real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha qualquer possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Nas crianças e adolescentes a violência pode ser de quatro tipos: físico, sexual, emocional ou psicológico e negligência, resultando danos ao seu crescimento, desenvolvimento e maturação⁴.

No Brasil, dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) em uma amostra de estudantes do ensino fundamental de escolas públicas e privadas das capitais dos estados brasileiros e do Distrito Federal, entre março e junho de 2009, analisou as principais formas de violência contra adolescentes que foram: a insegurança no trajeto casa-escola (6,4%) e na escola (5,5%); o envolvimento em brigas com agressão física (12,9%) e a agressão física por familiar (9,5%), dados de formas de violência (na escola e no lar) lugares que deveriam garantir sua proteção e desenvolvimento saudável e seguro⁵.

Na Bahia, esses dados acompanham a média nacional. Pode-se afirmar que os estudantes do sexo masculino estiveram mais expostos a situações de insegurança no deslocamento para a escola e na escola, tais como brigas com agressões físicas e envolvimento com armas brancas e de fogo, do que os estudantes do sexo feminino. Dados alarmantes, pois esses adolescentes podem se tornar vítimas ou agressores. Destaca-se nesse cenário o espaço escolar como o de maior preocupação, dada a sua finalidade e a repercussão das experiências violentas na formação de crianças e adolescentes.

Os subsequentes eventos violentos, envolvendo o espaço escolar nos diversos pontos do país, denunciam a dificuldade brasileira para lidar com a questão, situação vivenciada, também, por outros países.

A presença da violência infantil manifestada seja de forma física, simbólica ou verbal, é um fenômeno mundial complexo e de difícil apreensão e que merece atenção especial quando atinge o espaço escolar, um local de formação social dos alunos, bem como de fortalecimento da identidade e de construção da cidadania⁶.

Historicamente, pesquisas sobre a violência escolar no país vêm sendo realizadas, tendo como foco, nos anos 80, a análise das depredações e danos aos estabelecimentos escolares. No período que compreende o final da década de 1990 a 2000, prevalecem os estudos voltados às relações interpessoais agressivas entre os alunos e os agentes da instituição escolar⁷.

A violência escolar é uma realidade que acomete, especialmente, seres indefesos, em fase do desenvolvimento humano, na qual as experiências influenciarão na construção

da sua visão de mundo, podendo contribuir, inclusive, para que, quando adultos, reproduzam esses atos sofridos.

Observa-se, inclusive, a necessidade de preparo dos profissionais de saúde, educação, ação social e justiça em uma rede de atendimento integrada, multidisciplinar, para a atenção às vítimas, bem como a prevenção e o controle da violência escolar.

Embora considerada, por excelência, local dedicado à educação e à socialização da criança e do adolescente, a escola transformou-se em um cenário de agressão, autoritarismo e desrespeito⁸.

A violência escolar afeta as diferentes dimensões da vida do adolescente, em particular, a saúde, refletindo nos dados sobre mortalidade e morbidade e acarretando prejuízos para o seu crescimento e desenvolvimento. Por isso, é considerado um problema de saúde pública crescente em todo o mundo. Intervir sobre este fenômeno é essencial para melhorar a qualidade de vida dos adolescentes escolares, devendo esse tema, constituir-se uma prioridade nas pesquisas na área de saúde.

A escola é um ambiente de grande significância para as crianças e adolescentes, e os que estão insatisfeitos nesse espaço têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde, além de sentimentos de insatisfação com a vida.

A OMS⁴ conceitua a adolescência como uma etapa evolutiva caracterizada pelo desenvolvimento biopsicossocial, delimitada pela faixa entre 10 e 19 anos que, em geral, se inicia com as mudanças corporais da puberdade e termina com a inserção social, profissional e econômica.

As políticas públicas de atenção à saúde do adolescente no Brasil foram criadas e regulamentadas a partir da década de 80, tendo como marco legal o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o qual assegura que nenhuma criança ou adolescente deve ser objeto de discriminação, negligência, exploração, violência, crueldade ou agressão dentro ou fora da família (Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990). Porém, as políticas públicas ainda se desenvolvem de forma fragmentada e desarticulada, posto que cada setor do governo desenvolva suas estratégias e ações isoladamente, dificultando a integralidade da atenção.

Assim, acreditamos que o estudo contribuirá para conhecer os sentimentos dos adolescentes vítimas de violência escolar a partir de seus depoimentos, com perspectivas de subsidiar a referência em saúde dos adolescentes e profissionais envolvidos com essa área de cuidado para possíveis intervenções, melhorando assim a atenção a esse grupo.

Nesse sentido, o estudo teve o objetivo de descrever os sentimentos referidos pelos adolescentes escolares vítimas de violência escolar em Feira de Santana-BA.

PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo é um recorte do Projeto Diagnóstico da Violência e estratégias de construção da paz nas Escolas Municipais de Feira de Santana (PROVESC), que teve como

objetivo mapear a violência nas escolas públicas municipais e traçar estratégias de enfrentamento, desenvolvido pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Violência e Saúde (NIEVS), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), no período de 2011 a 2013, e se constitui em projeto de extensão do qual as autoras compõem a equipe.

O campo da pesquisa escolhido foram trinta e seis (36) escolas públicas municipais de ensino fundamental I e II, localizadas na sede e distritos da cidade de Feira de Santana (BA). Mesmo cientes de que o fenômeno atinge indistintamente a todas as escolas, independente do estrato social a que ela pertence, nesse estudo foram priorizadas as escolas municipais (referir porque)

Os sujeitos desse estudo foram adolescentes vítimas de violência escolar que fizeram parte da referida pesquisa, identificados após questionário aplicado com todos os adolescentes das referidas escolas.

Por se tratar de estudo qualitativo não houve pretensão de generalizar os resultados obtidos; sendo assim, o estudo processou-se com 166 atores das diversas escolas. Cada informação coletada representou a experiência do ator social que a vivenciou⁹.

Atendendo aos princípios éticos, não identificamos as escolas pesquisadas, onde houve adolescentes vítimas de violência escolar. Os adolescentes serão aqui identificados através da letra A (ator) seguido de um número de identificação.

Para a construção do estudo foram usados como instrumentos de coleta de dados: entrevistas semiestruturadas e a observação do cotidiano nas escolas.

Para realizar a análise dos dados da pesquisa foi utilizado o método de Análise de Conteúdo Temático-Categorial que segundo Oliveira¹⁰ funciona por operações de desmembramento do texto em categorias, segundo agrupamento por temas. Foram seguidas as seguintes etapas para a sistematização de procedimentos para a análise dos dados: a) Leitura flutuante; b) Definição de hipóteses provisórias sobre o objeto; c) Determinação das unidades de registro (UR); d) Definição das unidades de significação ou temas; e) Análise temática das UR; f) Análise categorial do texto; g) Tratamento e apresentação dos resultados e h) Discussão dos resultados e retorno ao objeto de estudo.

O estudo Diagnóstico da Violência e Estratégias de Construção da Paz nas Escolas Municipais de Feira de Santana foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UEFS (protocolo nº. CAAE 0150.0.059.000-10), sendo que esse recorte do estudo foi submetido à apreciação para termos de conhecimento e aprovada por (Parecer CAAE 04212112.9.0000.0053).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao considerarmos a questão da violência sofrida pelos adolescentes os sentimentos apresentados por aqueles adolescentes que se consideram vítimas da violência escolar

(muitas vezes) com sentimentos de necessidade de reação a essa violência. Para entendermos esses sentimentos que são gerados nos adolescentes, quando vítimas da violência escolar, nos apoiamos em Abbagnano^{11:374} onde:

[...] sentimentos [...] mesmo que emoção, no significado mais geral, ou algum tipo ou forma superior de emoção, pressentimento, ou fonte de emoções, como princípio, faculdade ou órgão que preside às emoções, e do qual elas dependem, ou como categoria na qual elas se enquadram.

Considerando que as crianças e adolescentes estão em processo de amadurecimento, os sentimentos que são desencadeados nesse período podem contribuir de forma positiva ou negativa nas suas vidas. Na realidade, a escola, segundo Camacho¹², além de se instituir como um espaço de aprendizagem de conhecimento e de valores, assim como de exercício da ética e da razão, também tem se configurado como um local de proliferação de violência e de agressividade, que vai desde aquela que se expressa fisicamente até a mais sutil forma de violência psicológica, sendo que a vulnerabilidade social refletida na vivência escolar reduz a força socializadora da escola.

Assim, a escola pode também tornar-se um local indesejado e temido para os adolescentes, se instalado o sentimento de insegurança.

Sabemos, em contrapartida, que um ambiente escolar favorável é de grande valor para o desenvolvimento de crianças e adolescentes e, por outro lado, o seu oposto pode levar a desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida.

No nosso estudo, ao analisarmos as falas dos adolescentes a respeito de como se sentiram quando foram expostos à violência escolar, a maioria relatou que se sentia mal, triste, humilhado, com raiva.

As falas que revelam: “... me senti mal, triste, humilhado, com raiva”

Os sentimentos expressos sinalizam para o fato de que a violência provoca consequências flagelantes no desenvolvimento emocional e psíquico dos sujeitos agredidos e podem levar a sequelas para um período imensurável de suas vidas, conforme este depoimento do A4:

Eu cheguei e não tinha amizade com ninguém, mas os dois começaram a me ofender com palavras ruins e eu fiquei bem mal, depois desse dia pra cá eu não me sinto bem. Ele falou palavras que me deixaram no fundo do poço... (A4).

Silva e Silva¹³ classificam os efeitos da violência na saúde biopsicossocial da criança e do adolescente a curto prazo, com atitudes de choque e incredulidade; sentimentos de vergonha, culpa, ansiedade, medo, raiva, isolamento, desamparo, comportamentos confusos e de extrema agitação, pesadelos, terror noturno e alterações do hábito alimentar. Os efeitos a médio e longo prazos podem ser observados nos

comportamentos autodestrutivos, ansiedade, sentimentos de isolamento e estigmatização, baixa autoestima, dificuldade em acreditar em outras pessoas, tendência à futura (re) vitimização, comportamento sexual desajustado e uso de álcool e outras drogas.

Estudo realizado por Francisco e Libório¹⁴ com alunos de 5^{as} e 8^{as} séries em duas escolas públicas estaduais de Presidente Prudente-SP, no ano de 2006, também foi observado que quanto aos sentimentos que experimentam as vítimas após os maus tratos na escola entre os alunos das 8^{as} séries prevaleceram as respostas “eu me senti mal” (29,6%); “eu me senti triste” (22,3%) e “eu fiquei preocupado com o que os outros podiam pensar de mim” (17,8%).

Como consequência do sentir-se mal, em decorrência de maus tratos, advém prejuízos sobre o processo de aprendizagem dos alunos, pois tais sequelas podem levá-los à perda do interesse pelo estudo, por não se sentirem motivados a frequentar as aulas, devido à insegurança provocada¹⁵.

Outro sentimento muito presente nas falas dos adolescentes vítimas de violência escolar do nosso estudo foi a tristeza, sentimento esse que pode levar a processos depressivos. Como destacado nas falas dos entrevistados a seguir.

Foi muito triste e eu fiquei ali, sem fazer nada, foi muito triste (A80).

Constrangedor, triste e desagradável (A123).

Ela me feriu muito, machucou meu coração. Ela era uma das minhas melhores amigas. Eu fiquei muito triste com ela (A141.)

A tristeza é uma das emoções mais duradouras, considerada como uma das emoções básicas do ser humano. Para Miguel¹⁶, essa emoção surge quando há perda de algo ou alguém considerado de valor, gerando sensação de abandono e a busca por uma ligação novamente com o mesmo ou com outro objeto, sendo as manifestações mais frequentes o choro, o afastamento e o silêncio.

As consequências para os estudantes vítimas de violência são variadas, sendo a tristeza uma delas, assim como isolamento, sintomas físicos ou psicossomáticos, ansiedade, depressão ou distanciamento quanto a assuntos da escola, ideação de suicídio e mesmo o próprio suicídio¹⁷.

Lopes, Silva, Moura, e Oishi¹⁸, ao realizarem estudo com alunos de uma escola pública de Ensino Médio em São Carlos-SP, os questionaram sobre quais foram os seus sentimentos mais fortes quando passaram por ou assistiram a situações de violência. A tristeza também foi fortemente mencionada, assim como, sentimentos relacionados ao medo, à humilhação e à incapacidade pessoal, também apresentados como “tristeza”, “vontade de denunciar” e “medo que aconteça comigo”, somados àqueles como insegurança, inferioridade, vergonha, solidão e vontade de abandonar a escola. Sentimentos como raiva/ódio, vontade de vingança e outros similares (vontade de “matar”) receberam muitas citações, alcançando um patamar que representa mais de

70% dos sentimentos assinalados. O medo e a insegurança vêm em segundo lugar, com mais de 63% de citações do total, enquanto vergonha, inferioridade e solidão somam 37% de referências. Situações de violência fizeram com que 11% dos alunos tivessem vontade de abandonar a escola.

Se sentirem humilhados, foi outro sentimento que também esteve presente nas falas dos adolescentes que sofreram violência escolar na nossa pesquisa. Como fica evidente na fala do entrevistado 110: “Era um tempo que ele se achava, porque tirava notas altas, daí ele batia por tudo e humilhava muito”.

A humilhação desencadeia no adolescente uma desconstrução de valores e verdades estabelecidos, acarretando sérios danos para sua autoestima, além de produzir consequências psíquicas danosas, sendo mais grave no caso da humilhação pública, possivelmente resultando no sentimento de vergonha e no estremecimento da estrutura afetiva, podendo levar a timidez, revolta, recusa a críticas alheias entre outras emoções¹⁹.

Sendo um dos sentimentos que aparecem nos resultados de várias pesquisas sobre violência escolar, a exemplo do estudo realizado por Njaine e Minayo²⁰, de caráter qualitativo, cujo objetivo foi analisar os significados que a violência assume em diferentes contextos sociais e as formas como se manifesta no cotidiano escolar, e cujos sujeitos foram jovens e educadores de escolas públicas e privadas de três municípios brasileiros: Iguatu – CE; Juiz de Fora – MG e Campinas – SP, no período de 2000 a 2002. Constatou-se que a humilhação foi a forma de agressão mais sofrida pelos alunos, seguida de furtos, ameaças e destruição de objetos pessoais. Os alunos desse estudo também se queixaram de ser humilhados na família, na escola e na comunidade, e disseram agir da mesma forma com seus semelhantes, reproduzindo o comportamento.

A raiva também se apresenta como um dos sentimentos mais relatados pelos adolescentes em nosso estudo, e muitas vezes é um dos sentimentos que impulsionam a violência, como evidencia o A122, quando afirma que: “Começou por que elas não queriam fazer o trabalho, falei com a professora ela [disse] que ia tirar ponto, elas ficaram com bastante raiva de mim. Foi daí que começou a me chamar de criança”.

O sentimento de raiva, tal como o percebemos nas falas, decorre, muitas vezes, de um conflito e, ao mesmo tempo, pode motivar atitudes agressivas. A ação agressiva impulsionada pela raiva favorece adolescentes que não consigam lidar sozinhos com este sentimento, conduzindo-os a buscar em seu exterior alguém ou alguma coisa para atingir e, assim, amenizar o que estavam sentindo²¹.

A raiva é considerada como uma emoção básica que surge quando nos deparáramos com um obstáculo avaliado como hostil, interferindo no que estamos fazendo ou intencionamos fazer¹⁶.

Os efeitos físico-biológicos da raiva diante da experiência violenta incluem aumento da frequência

cardíaca, pressão arterial e os níveis de adrenalina e noradrenalina; considerados como uma resposta do cérebro para atacar ou fugir de uma ameaça ou dano. O cérebro, no eixo hipotálamo-hipofisário, envia um sinal às glândulas suprarrenais determinando a liberação de adrenalina na corrente sanguínea, gerando rapidamente um aumento da excitação fisiológica e do nível de vigilância do organismo, enquanto ao mesmo tempo, é liberado pelas suprarrenais o cortisol, aumentando também os níveis sanguíneos dessa substância²²⁻²³⁻²⁴. Esse fenômeno químico-orgânico atinge todo o corpo do adolescente que já se encontra processando profundas transformações, também, de caráter químico e sobre o qual ele não tem nenhum controle.

A presença de *bullying* na escola: ciclos de microviolências

A raiva constitui uma das emoções também citadas pelas vítimas adolescentes em episódios de violência na pesquisa realizada por Louzada, Louzada e Lazarini²⁵, com estudantes adolescentes de duas escolas públicas em um município da região metropolitana da grande Vitória-ES, ao questionarem sobre o que os faziam ficar irritados. A “brincadeira” do tipo “zoação” foi a mais citada.

A agressão na escola é cumulativa e repetitiva, oprime e desgasta a vítima e deixa marcas profundas, ficando claro na fala abaixo de um adolescente que fez parte de nossa pesquisa, sinalizando, quase sempre, encontra-se a presença do sentimento de raiva injustificada entre os praticantes.

Como destaca A82, por exemplo, em sua fala: “Ele me perturbava e me batia, botava apelido em mim, agente fala com ele para ele parar e ele continua e parece que ele gosta de fazer o que ele estava fazendo e isso machuca demais”.

Alguns indicadores no adolescente podem sugerir que ele está sendo alvo do bullying, sobre isto, Almeida, Silva, Campos^{26:12} pontuam:

[...] falta de vontade e medo de ir à escola; sentir-se mal ao sair para a escola e não querer ir sozinho; mudar o caminho da escola; chegar sempre da escola com roupas e livros rasgados e manchados; ficar calado, arredio, angustiado, ansioso, deprimido; baixa autoestima; ter pesadelos frequentes; perder repetidamente pertences e dinheiro; não falar sobre o assunto.

A vitimização dos adolescentes que sofrem a violência através da submissão diária ao stress acumulado gera ciclos de microviolências (imperceptíveis, camufladas como brincadeiras) que tem também efeitos sociais danosos, revelando o baixíssimo nível de autoestima das vítimas²⁷.

No nosso estudo tanto nas falas dos adolescentes como nas reações durante as observações sistemáticas de suas atividades em sala de aula, nos pátios das escolas, e ainda nas atividades de intervenção realizadas pela equipe durante a investigação anula qualquer possibilidade de respostas positivas de como lidar com essas incivildades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência pode gerar sentimentos que interferirão no desenvolvimento dos adolescentes. Neste estudo, os adolescentes relataram que quando expostos à violência escolar, em sua grande maioria, se sentiam mal, tristes, humilhados e com raiva. Essas emoções podem levar a consequências na sua saúde física e psicológica, bem como a perda de interesse pelos estudos, podendo desencadear situações de fracasso escolar. As implicações da violência no ambiente escolar não devem ser negligenciadas. Nesse sentido, se faz necessário um trabalho conjunto entre a comunidade, a família e escola de forma a possibilitar que adolescentes desenvolvam suas potencialidades de maneira saudável e pacífica.

A violência escolar no cotidiano dos adolescentes constitui-se enquanto realidade bastante preocupante, pois, estes, devido às características próprias dessa fase de vida, substituem a referência familiar que possuíam na infância para os grupos com os quais se identificam. Assim sendo, se um indivíduo age violentamente, ele pode levar outros do grupo a agir da mesma forma.

A saúde na escola no município de Feira de Santana, ainda apresenta-se de forma sutil, com atividades esporádicas e pontuais; esperamos que a partir da implantação do Programa de Saúde na Escola, que ora se inicia, os profissionais de saúde e de educação assumam uma atitude permanente de empoderamento dos estudantes, professores e funcionários das escolas, considerando isso como princípio básico para a promoção da saúde. Acreditamos que o espaço escolar seja um ambiente privilegiado para práticas promotoras da saúde, preventivas e de educação para saúde; nesse sentido, as políticas públicas destinadas a Saúde na Escola precisam ser realizadas com a participação da sociedade civil, através do debate público, da transparência, e da sua elaboração em espaços públicos, para que, de fato, elas possam atender as reais necessidades da população a que se destina.

REFERÊNCIAS

1. Minayo MCS. A violência social sob a perspectiva da saúde pública. **Cad. de Saúde Pública** 1994; 10 supl. (1): S7-S18.
2. Minayo MCS, Souza ER. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **Hist. Ciênc. Saúd. Manguinhos** 1998; IV(3): 513-531.
3. Martins CBG, Mello Jorge MHP. **Violência contra crianças e adolescentes: contexto e reflexões sob a ótica da saúde**. Londrina: Eduel; 2011.
4. Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Brasília: OMS/OPAS; 2002.
5. Malta DC, Souza ER, Silva MMA, Silva CS, Andreazzi MAR, Crespo C, et al. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de

- Saúde do Escolar (PeNSE). **Ciênc. saúde coletiva** 2010; 15(2): 3053-63.
6. Giordani JP, Seffner F, Dell'aglio DD. School violence: perceptions of students and teachers of a public school. **Psicol. Esc. Educ. Maringá** 2017 abr; 21(1): 103-111.
7. Sposito, MP. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educ. e Pesq.** 2001 jan/jun; 27(1): 87-103.
8. Abramovay M, Avancini MF. **A violência e a escola: o caso Brasil**. Brasília: UNESCO, 2003.
9. Santana JSS. Percurso Metodológico. In: Santana JSS, Nascimento MAA (orgs.), **Pesquisa: métodos e técnicas de conhecimento da realidade social**. Feira de Santana: UEFS Editora; 2010. p. 87-119.
10. Oliveira DC. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Rev. Enferm.** 2008 out/dez; 16(4): 569-576.
11. Abbagnano N. Dicionário de Filosofia. Tradução por Ivone Castilho Benedeti, 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 874.
12. Camacho, L. M.Y. Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si. São Paulo, 2000. Tese [Doutorado - Universidade de São Paulo].
13. Silva MCM, Silva LMP. Guia de assistência Integral à Saúde da Criança e do Adolescente em situação de violência: abordagem multidisciplinar. Recife: EDUPE, 2003.
14. Francisco MV, Libório RMC. Um Estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental. **Psicol. Refl. Crít.** 2009; 22(2): 200-207.
15. Fischer RM, Lorenzi GW, Pedreira LS, Bose M, Fante C, Berthoud C. et al. Relatório de pesquisa: bullying escolar no Brasil. São Paulo: Fundação Instituto de Administração - FIA; 2010.
16. Miguel FK. Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. **Psico-USF** 2015 jan./abr; 20(1): 153-162.
17. Matos MG, Gonçalves SMP. Bullying nas escolas: comportamentos e percepções. **Psicol. saúde doenças** 2009; 10(1): 3-15.
18. Lopes RE, Silva CR, Moura BR, Oishi J. Violência, escola e jovens de grupos populares urbanos: o caso de estudantes de ensino médio São Carlos-SP. **Rev. HISTEDBR Online** 2009 jun; 9(34): 73-96.
19. Bidarra ZS, Gregorio FJ. Configurações da violência psicológica contra crianças e adolescentes no município de Toledo (PR). **Informe Gepec** 2008 jan./jun; 1(12).
20. Njaine K, Minayo MCS. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Interface (Botucatu)** 2003; 7(13): 119-34.
21. Dani LSC. Conflitos, sentimentos e violência escolar. **Rev. Diálogo Educ.** 2009; 9(28): 571-586.
22. Moreno MTN, Araújo CA. Emoções de raiva associadas à gastrite e esofagite. **Mudanças-Psicologia da Saúde** 2009; 13(1): 30-87.
23. Ballone GJ, Moura EC. Cérebro e Violência [publicação online]; Psiqweb, 2008. [acesso em 02 de mai 2012]. Disponível em: www.psiqweb.med.br.
24. Cabral ACQ. Stress e raiva de mães hipertensas e normotensas e o stress de seus filhos. Campinas, 2008. Dissertação [Mestrado - Pontifícia Universidade Católica].
25. Louzada SSS, Louzada GLS, Lazarini ZBS. O bullying na vida dos adolescentes. **Rev. FACEVV** 2008; 1(7): 6-84.
26. Almeida KI, Silva AC, Campos JS. Importância da identificação precoce da ocorrência do bullying: uma revisão de literatura. **Rev. Pediatria** 2008; 9(1): 8-16.
27. Debarbieux E. Violência nas escolas: divergências sobre palavras e um desafio político. In: Debarbieux E, Blaya C (orgs.). **Violência nas escolas e políticas públicas**. Brasília: Unesco; 2002. p.59-92.

Endereço para correspondência:

Kariane Barbosa Almeida Freire
Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Violência e Saúde
Prédio de Pós-Graduação em Saúde Coletiva
Campus Universitário da UEFS
Av. Transnordestina, s/nº, Novo Horizonte
CEP: 44036-900 - Feira de Santana-BA, Brasil.
E-mail: kbafreire.kbaf@gmail.com